

Maria Luisa de Andrade Freitas
(PG-IEL-UNICAMP)

Hierarquia de pessoa em Avá Guarani: aspectos sintáticos e morfológicos

ABSTRACT: This article describes and analyses morphological and syntactic processes related to person hierarchy in the Avá-Guaraní language. The work employs a general Generative framework, guided in particular by the principles of Distributed Morphology. The purpose of this research is to discuss in greater detail the exact patterns displayed by the Avá-Guaraní 1 > 2 > 3 system. Thus, this work demonstrates that the argument marked on transitive verbs can be either Subject or Object (external or internal), depending on the involved person-number features. In addition to analyzing the interaction of person hierarchy and agreement, it is possible to demonstrate that the hierarchy also triggers a syntactic order change in Avá-Guaraní. At a syntactic level, it establishes a remarkable relationship between person hierarchy phenomena and the syntactic object displacement following the approach of Jelinek e Carnie (2003).

KEYWORDS: Avá; Person hierarchy; Distributed Morphology; Syntax; Morphology.

RESUMO: Este artigo descreve e analisa processos morfológicos e sintáticos relacionados ao fenômeno da hierarquia de pessoa presente na língua Avá Guarani, a partir do quadro teórico da Gramática Gerativa e, em especial, a partir da Morfologia Distribuída. Neste estudo, atestaremos que o Avá é uma língua que exibe um padrão de hierarquia de pessoa (1 > 2 > 3), que afeta o sistema de concordância da língua, ou seja, a seleção do argumento que será marcado nos verbos transitivos está condicionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto. Este trabalho evidencia, ainda, que o fenômeno da hierarquia de pessoa apresenta implicações também na ordem sintática da língua Avá Guarani. Desse modo, argumentaremos, a partir de Jelinek e Carnie (2003), que existe uma notável relação entre o fenômeno da hierarquia de pessoa e o deslocamento sintático do objeto nesta língua.

PALAVRAS-CHAVE: Avá; Hierarquia de pessoa; Morfologia Distribuída; Sintaxe; Morfologia.

1. INTRODUÇÃO

Hierarquia de pessoa é um padrão morfossintático encontrado em diversas línguas do mundo (Silverstein 1976; Zwicky 1977; Dixon 1994), no qual a categoria de pessoa (se primeira, segunda ou terceira) dos argumentos nucleares interage com fenômenos morfológicos como, por exemplo, a seleção do argumento a ser marcado no verbo transitivo; e sintáticos (cf. Jelinek; Carnie 2003), como caso (cisões ergativas), *object shift*, marcação diferencial de objeto, alternâncias de voz (direta vs. inversa; ativa vs. antipassiva), entre outros.

Neste estudo, cujo foco principal de investigação serão as sentenças transitivas, atestaremos que o Avá é uma língua que exhibe um padrão de hierarquia de pessoa (1 > 2 > 3) que afeta o sistema de concordância da língua, ou seja, a seleção do argumento que será marcado por concordância, nos verbos transitivos, está condicionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto. Assim sendo, existem na língua séries distintas de concordância, tratadas na literatura como *cross-referencing* (cf. Jensen 1990), que indicam, no núcleo do predicado, o argumento mais alto na hierarquia: a Série I é utilizada quando Sujeito > Objeto; e a Série II é usada nos contextos em que Objeto > Sujeito. Esta relação entre a hierarquia de pessoa e o sistema de concordância é tradicionalmente descrita para as línguas Tupi-Guarani, como nos trabalhos de Rodrigues (1990); Seki (1990, 2000); Jensen (1990); Payne (1994b); entre outros.

O presente trabalho mostra, entretanto, que o fenômeno da hierarquia de pessoa em Avá apresenta implicações na ordem sintática da língua. A partir de testes com advérbios, evidenciaremos que objetos de primeira ou segunda pessoa (i.e. 1O ou 2O) devem preceder o verbo, gerando a ordem OV. Por outro lado, objetos de terceira pessoa (i.e. 3O) permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO. A influência da hierarquia de pessoa sobre a ordem dos constituintes foi notada anteriormente, no Brasil, para a língua kadiwéu (Família Guaikuru), por Sandalo (2008, 2011) e por Nevins e Sandalo (2011). Os mesmos fatos relativos à ordem sintática, apontados pelos autores para o Kadiwéu, são observáveis em Avá. Adicionalmente, argumentaremos que estes aspectos relativos à ordem sintática na língua Avá trazem evidências para a noção de inversão morfossintática (cf. Payne 1994b).

Finalmente, este artigo propõe uma interpretação para o padrão de hierarquia de pessoa em Avá, a partir do quadro teórico da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz 1993, 1994; Halle 1997; Marantz 1997), sugerindo que a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe é interpretada e modificada pelo componente morfológico, na medida em que este realiza operações pós-sintáticas, e atribui traços fonológicos aos traços abstratos manipulados pela sintaxe.

2. CONCORDÂNCIA EM AVÁ

O Avá exhibe um padrão de hierarquia de pessoa (1 > 2 > 3) que afeta o sistema de concordância da língua, ou seja, a seleção do argumento que será marcado nos verbos transitivos está condicionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto. Assim, o sujeito será marcado, por meio da Série I de prefixos, se este for de primeira ou segunda pessoa e o objeto de terceira pessoa (i.e. 1A ou 2A e 3O), ou se o sujeito e o objeto forem duas terceiras pessoas (i.e. 3A, 3O), como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 01. 1A ou 2A e 3O

a.	<i>che</i>	<i>a-h-echa</i>	<i>jagua</i>	<i>pe'</i>
	1s	1s-REL-ver	cachorro	POSP
	'Eu vejo o cachorro'			

Exemplo 02. 3A e 3O

a.	<i>pe</i>	<i>kuña</i>	<i>o-h-echa</i>	<i>chu-pe</i>
	DET	mulher	3s-REL-ver	3s-POSP
	'A mulher o vê'			

Por outro lado, o objeto é marcado no predicado verbal, por meio da Série II, se este for de primeira ou segunda pessoa e o sujeito for uma terceira pessoa (i.e. 1O ou 2O e 3A) ou quando o sujeito é de segunda pessoa e o objeto de primeira pessoa (i.e. 2A e 1O), como evidencia o exemplo abaixo.

Exemplo 03. 1O ou 2O e 3A

a.	<i>pe</i>	<i>kuña</i>	<i>che=r-echa</i>
	DET	mulher	1s-REL-ver
	'A mulher me viu'		

¹ Nas sentenças transitivas da língua Avá, notamos que o argumento interno de terceira pessoa pode vir ou não acompanhado por um elemento *pe*, tratado como posposição por Martins (2003) e como marca de caso acusativo por Cardoso (2008). Para averiguarmos se o DP que aparece acompanhado deste elemento seria realmente um argumento e não um PP não-argumental, realizamos o teste da passiva, uma vez que somente um argumento interno de um verbo poderia figurar como sujeito gramatical em uma passiva. Com este teste foi possível certificarmos que os DPs que aparecem seguidos pelo elemento *pe* são realmente argumentos nucleares do verbo. Um exemplo de uma estrutura passiva é apresentado abaixo.

Exemplo 01.

a.	<i>che</i>	<i>a-h-echa</i>	<i>jagua</i>	b.	<i>jagua</i>	<i>o-je-h-echa</i>
	1s	1s-REL-ver	cachorro		cachorro	3SG-REFL/PAS-ver
	'Eu vejo o cachorro'				'Cachorro foi visto'	

Sobre o estatuto do elemento *pe* no Guarani Paraguaio veja Shain (2009). Eva-Maria Röbler (comunicação pessoal) nos mostrou que, em Aché (Tupi-Guarani), o uso desta posposição *pe* é frequente em objetos e parece estar associado ao traço [+DEFINIDO] do objeto. Um aspecto interessante é que, nesta língua, a ordem SOV é somente possível se o objeto for marcado por esta posposição, i.e., se o objeto for [+DEFINIDO]. Adicionalmente, uma vez que esta língua não apresenta nenhum tipo concordância no predicado verbal, esta posposição é também usada para dissolver possível ambiguidade, em contextos em que ambos os argumentos (sujeito e objeto) são, por exemplo, [+ANIMADO]. Veja também Garcia (2009) sobre a partícula *ke* que ocorre em objetos e sujeitos de verbos inacusativos na língua Ka'apor (Tupi-Guarani).

Finalmente, quando o sujeito é de primeira pessoa e o objeto de segunda (i.e. 1A e 2O), ocorre no predicado verbal uma terceira série de prefixos: a Série III², de prefixos *portmanteau*³. Esta série é descrita (Jensen 1990; Seki 1990) como responsável pela codificação simultânea de sujeito e o objeto no verbo transitivo, em sentenças independentes, no contexto em que A é primeira pessoa (independentemente do número) e O é segunda pessoa, singular ou plural, como mostramos no exemplo 04 abaixo.

Exemplo 04. 1A e 2O

a.	<i>che</i>	<i>ro-h-echa</i>	b.	<i>che</i>	<i>po-h-echa</i>
	1s	1s/2s-REL-ver		1s	1s/2PL-REL-ver
	'Eu te vejo'			'Eu vos vejo'	

2.1. Os Marcadores de Pessoa

Conforme apresentamos na seção anterior, existem na língua avá marcadores de pessoa que assinalam a relação de concordância entre o predicado verbal e os argumentos nucleares. Estes marcadores de pessoa das Séries I, II e III são apresentados na Tabela 01 a seguir.

Tabela 01: Marcadores de pessoa em Avá

		Série I	Série II	Série III
SG	1	a-	che-	ro-
	2	re-	ne-	
	3	o-	i-	
PL	1 INCL	ja-	ñane-	po-
	1EXCL	ro-	ore-	
	2	pe-	pene-	
	3	o-	i-	

Como discutimos nos exemplos 01 e 02, os marcadores da Série I assinalam o sujeito transitivo, nos contextos em que o objeto é de terceira pessoa (i.e. 1A ou 2A e 3O; ou 3A e 3O). Esta série também codifica o sujeito em verbos intransitivos ativos (Seki 1990), conforme mostramos nos exemplos em 05.

Exemplo 05. Verbo intransitivo ativo

a.	<i>che</i>	<i>a-ke</i>	b.	<i>nde</i>	<i>re-ke</i>
	1s	1s-dormir		2s	2s-dormir
	'Eu durmo'			'Tu dormes'	

² Esta série é numerada por Jensen (1990) como Série IV, em virtude de algumas línguas Tupi-Guarani exibirem outra série de prefixos co-referenciais, a qual é numerada pela autora como Série III.

³ Os prefixos {ro-} e {po-} são considerados *portmanteau* porque codificam, simultaneamente, um sujeito de primeira pessoa e o objeto de segunda pessoa. Esta característica pode ser evidenciada pela alomorfa existente entre estes prefixos, que é condicionada pelo traço de [PLURAL] do objeto.

Por outro lado, conforme apresentamos nos exemplos em 03, a Série II indica, no predicado verbal transitivo, o objeto de primeira ou segunda pessoa (i.e. 3A e 1O ou 2O; ou 2A e 1O). Além disso, esta série é responsável pela codificação do sujeito em verbos intransitivos estativos (Seki 1990), como mostram os exemplos em 06.

Exemplo 06. Verbo intransitivo estativo

- | | | | |
|----|--|----|---|
| a. | <i>che</i> <i>che=kane'õ</i>
1s 1s-estar cansado
'Eu estou cansado' | b. | <i>nde</i> <i>ne=kane'õ</i>
2s 2s-estar cansado
'Tu estás cansado' |
|----|--|----|---|

2.1. Os prefixos relacionais

É possível percebermos nos exemplos de 01 a 04 que, além dos marcadores de pessoa, existem outros prefixos que figuram no predicado verbal transitivo. A literatura acerca das línguas da família Tupi-Guarani (Rodrigues 1953, 1984/85; Seki 1990, 2000) considera que estes prefixos, denominados relacionais, indicam o grau de conexão (cf. Velázquez-Castillo 2008) existente na relação gramatical que se estabelece entre o núcleo de um predicado (nominal, posposicional e verbal) e o seu complemento. Assim, os prefixos { \emptyset ~ r-} indicariam no núcleo do sintagma a adjacência do complemento, enquanto {i- ~ h-} assinalariam a não-adjacência do complemento (cf. Duarte 2005).

Em Avá, notamos que estes prefixos apresentam uma alomorfa condicionada tanto pelo segmento inicial da raiz (se vogal ou consoante), quanto pela categoria de pessoa do objeto. Assim, quando o objeto é [+PARTICIPANTE] (cf. Farkas 1990), ou seja, se este é uma primeira ou uma segunda pessoa, os prefixos { \emptyset ~ r-} são utilizados; por outro lado, se o objeto é [-PARTICIPANTE], i.e., uma terceira pessoa, os prefixos {i- ~ h-} serão acionados. Os prefixos relacionais em Avá são apresentados na Tabela 08.

Tabela 08: Prefixos relacionais

	[+PART]	[-PART]
Raiz iniciada por Consoante	\emptyset -	i-
Raiz iniciada por Vogal	r-	h-

3. ORDEM DOS CONSTITUINTES

Como mostramos na seção anterior, em Avá, a hierarquia de pessoa afeta o sistema de concordância. Nesta seção, evidenciaremos, contudo, que a hierarquia de pessoa presente em Avá afeta também a ordem sintática da língua. Em Avá, argumentos internos de primeira ou segunda pessoa (i.e. 1O ou 2O) devem preceder o verbo, gerando a ordem OV. Por outro lado, argumentos internos de terceira pessoa (i.e. 3O) permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO. A hipótese aqui levantada é a de que o objeto sofre deslocamento sintático para a posição pré-verbal.

Assim, para verificarmos esta distinção entre as ordens VO e OV, realizamos testes com advérbios, assumindo a proposta de Pollock (1989) de que certos advérbios são adjungidos ao VP. Assim, todos os elementos que precedem os advérbios estariam fora do VP e todos os elementos que seguem o advérbio estariam dentro do VP. Exemplos destes testes com os advérbios *koã̃y* ‘já’ e *aguyjema* ‘sempre’ são apresentados a seguir.

Exemplo 07. 3A, 1O

a.	<i>ha'i</i>	<i>che</i>	<i>koã̃y</i>	<i>che=r-echa</i>
	mulher	1s	ADV	1s-REL-ver
	‘A mulher já me viu’			

Exemplo 08. 3A, 2O

b.	<i>ha'i</i>	<i>nde</i>	<i>aguyjema</i>	<i>nde=r-echa</i>
	mulher	2s	ADV	2s-REL-ver
	‘A mulher sempre te vê’			

Exemplo 09. 2A, 1O

a.	<i>nde</i>	<i>che</i>	<i>koã̃y</i>	<i>che-r-echa</i>
	2s	1s	ADV	1s-REL-ver
	‘Tu já me viste’			

Exemplo 10. 3A, 3O.

a.	<i>ha'i</i>	<i>aguyjema</i>	<i>o-h-echa</i>	<i>i-chupe</i>
	mulher	ADV	1s-REL-ver	REL-3-POSP
	‘A mulher sempre o vê’			

Nos exemplos de 07 a 10, percebemos que o advérbio pode ser posicionado entre o objeto pré-verbal e o verbo. Isto é uma evidência para argumentarmos a favor da hipótese de que, na língua avá, há uma posição pré-verbal que aloca o objeto deslocado, quer dizer, a inversão na hierarquia (1 > 2 > 3) desencadeia o movimento do objeto para uma posição externa a vP, uma vez que se esta posição fosse um outro especificador de vP, não encontraríamos um advérbio interveniente nesta posição. Assim, quando o sujeito é de terceira pessoa e o objeto de primeira ou segunda pessoa, ou quando o sujeito é de segunda pessoa e o objeto de primeira, o objeto não pode ficar *in situ*, interno ao VP, na posição pós-verbal. Ele deve se mover para uma posição externa ao vP, gerando a ordem SOV.

Desse modo, evidenciamos que a língua avá apresenta claramente um reflexo sintático desencadeado pela hierarquia de pessoa. Esta relação entre a ordem sintática e a categoria de pessoa dos argumentos traz fortes evidências para a proposta de Jelinek e Carnie (2003), conforme discutiremos, em detalhe, na próxima seção.

Esta evidência sintática da hierarquia de pessoa, notada neste trabalho, apresenta, ainda, outra importante implicação, relacionada ao estatuto dos marcadores de pessoa e, em especial, acerca da Série II. Esta série é tradicionalmente descrita como sendo composta por pronominais cliticizados de estatuto argumental (cf. Rodrigues 1984/85, 1990; Seki 1990, 2000; Martins 2003; Cardoso 2008).

Entretanto, tomando por base estes testes com advérbios que realizamos, é possível argumentarmos que, na língua avá, a Série II de clíticos configura concordância e não pronomes pessoais (cf. Rodrigues 1984/85; Seki 2000; Martins 2003; Cardoso 2008), em virtude de comprovarmos a realização de um argumento pronominal em uma posição externa a vP, como vemos em 11.

Exemplo 11. 3A e 1O

a.	<i>ha'i</i>	<i>che</i>	<i>koãy</i>	<i>che=φ-nupã</i>
	mulher	1s	ADV	1s -REL-bater
	'A mulher já me bateu'			

Finalmente, uma questão interessante se relaciona ao fato de que objetos de segunda pessoa não precisam necessariamente se mover para uma posição pré-verbal, nos contextos em que os sujeitos são de primeira pessoa e os prefixos *portmanteau* da Série III são acionados, como mostram os exemplos abaixo.

Exemplo 12. 1A e 2O

a.	<i>che</i>	<i>ndevy</i>	<i>ro-h-echa</i>	b.	<i>che</i>	<i>ro-h-echa</i>	<i>ndevy</i>
	1s	2s-POSP	1s/2s-REL-ver		1s	1s/2s-REL-ver	2s-POSP
	'Eu te vejo'				'Eu te vejo'		

Exemplo 13. 1A, 2O_{PL}

a.	<i>che</i>	<i>peẽme</i>	<i>po-h-echa</i>	b.	<i>che</i>	<i>po-h-echa</i>	<i>peẽme</i>
	1s	2PL-POSP	1s/2PL-REL-ver		1s	1s/2PL-REL-ver	2PL-POSP
	'Eu vos vejo'				'Eu vos vejo'		

Como é possível verificarmos nos exemplos em 12 e 13, existem quatro características notáveis nestas construções, que envolvem um sujeito de primeira e um objeto de segunda pessoa, que as distinguem das demais construções apresentadas: (i) a ordem sintática; o objeto pode ser realizado tanto pré quanto pós-verbal; (ii) as marcas -vy e -me⁴ presentes no objeto singular e plural, respectivamente; (iii) a série III de concordância, que é específica para este contexto de 1A, 2O; e (iv) o prefixo relacional; o {h-} é acionado, embora o objeto seja [+PARTICIPANTE].

⁴ Com os verbos *echa* 'ver' e *nupã* 'bater' testados, o objeto, quando fonologicamente realizado, figurava obrigatoriamente com as marcas -vy e -me. Esta investigação, contudo, deverá ser ampliada posteriormente para outros verbos da língua. Em Guarani Paraguaio, a marca -ve (ndéve), que corresponde a este elemento -vy, é tratada como posposição 'a ti' (Guasch; Melià, 2005). Rodrigues (1990) interpreta as marcas -βε (eneβε) e -me (*peẽme*), em Tupinambá, como marcas de caso dativo.

Estas construções apresentam, desse modo, aspectos sintáticos e morfológicos particulares/únicos. A hipótese que iremos sugerir compreende estes aspectos como resultantes de uma interação entre a categoria de pessoa dos argumentos nucleares e os componentes sintático e morfológico, conforme discutiremos, em detalhe, na seção 6 deste trabalho.

4. PROPOSTA SINTÁTICA DE ANÁLISE

Payne (1994b) discute que todas as línguas apresentam algum mecanismo para expressar situações informacionalmente inversas como, por exemplo, uma canônica passiva. Uma maneira alternativa de expressar uma cena informacionalmente marcada seria por meio de uma construção morfossintaticamente inversa. Nesta construção existe um mecanismo formal de marcação que indica a crescente topicalidade do participante P. Contudo, diferentemente da passiva, a sentença inversa permanece transitiva e a identidade do agente não é necessariamente suprimida.

Desse modo, a proposta sugerida por Payne (1994b) é a de que existe um sistema inverso nas línguas Tupi-Guarani evidenciado pela associação entre as séries de marcadores de pessoa e os prefixos relacionais, sendo estes últimos assumidos como marcadores da chamada inversão da hierarquia. Tomando por base os dados discutidos relativos à ordem sintática, e os trabalhos de Jelinek e Carnie (2003) e de Sandalo (2008, 2011), iremos sugerir nesta proposta de análise que, em Avá, a noção de inversão, conforme proposta por Payne (1994b), pode ser reinterpretada em termos de movimento sintático.

Conforme apresentamos na discussão dos dados, em Avá, argumentos internos de primeira ou segunda pessoa (i.e. 1O ou 2O) devem preceder o verbo, gerando a ordem OV. Por outro lado, argumentos internos de terceira pessoa (i.e. 3O) permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO. A partir dos testes realizados, percebemos que os advérbios *koã̃y* ‘já’ e *aguyjema* ‘sempre’ estão posicionados entre o objeto pré-verbal e o verbo. Isto é uma evidência a favor da hipótese defendida neste trabalho de que há, na língua avá, uma posição pré-verbal que aloca o objeto deslocado.

Nesse sentido, é possível também argumentarmos que a hierarquia de pessoa presente em Avá gera reflexos sintáticos nesta língua, uma vez que averiguamos um deslocamento argumental desencadeado por esta. Quer dizer, a inversão na hierarquia de pessoa (i.e. O > A) promove o movimento do objeto para uma posição pré-verbal, externa a vP, uma vez que se esta posição fosse um outro especificador de vP, não encontraríamos um advérbio interveniente entre o objeto deslocado e o verbo.

Jelinek e Carnie (2003) discutem que uma das características das hierarquias argumentais é o fato de haver, nestes fenômenos, uma classificação dos argumentos de acordo com uma escala de pressuposição. Isto significa que argumentos que são mais locais, mais específicos, mais definidos e/ou mais animados são pressupostos pelos falantes no discurso. Estes argumentos figuram em posições hierárquicas mais altas em relação aos argumentos não-locais, não-específicos e/ou menos animados, que são elementos mais declarados do que pressupostos.

Assim, os autores assumem a proposta de “*Mapping Principle*” de Diesing (1992) de que o efeito das hierarquias argumentais emerge de uma correspondência formalmente codificada entre a estrutura sintática e a estrutura semântica. Para Diesing (1992), uma

sentença está dividida em duas ou três partes: (a) um quantificador, que aponta o número de participantes da ação ou estado; (b) um restritivo, que declara a informação pressuposta sobre os participantes; esta parte corresponde ao TP ou IP; e (c) um escopo nuclear, que corresponde ao VP, que afirma o que é verdadeiro sobre das entidades e promove novas informações para a sentença.

Em um nível mais formal, somente variáveis são permitidas no escopo nuclear. Variáveis podem ser de dois tipos: (i) vestígios de NPs que se moveram para fora de VP; (ii) NPs não-quantificados, não-pressupostos. Em termos de sintaxe, isto significa que NPs quantificados (como os específicos ou definidos) não podem permanecer internos ao VP, eles devem se mover para criar uma variável, assim, somente NPs não-pressupostos (como os não-específicos ou indefinidos) podem figurar no escopo nuclear.

No que concerne à categoria de pessoa, responsável pela hierarquia argumental presente em Avá, é importante salientarmos que existe uma noção fundamental de que a primeira e a segunda pessoa apresentam um *status* diferencial em relação à terceira. Esta noção é amplamente discutida em diversos trabalhos, como nos de Benveniste (1966/1991), Hockett (1966), Ingram (1978), Zwick (1977), Moravcsik (1978), Farkas (1990); entre outros. Nestes trabalhos, foram propostas algumas conceituações e distinções importantes como, por exemplo, local vs. não-local (cf. Hockett 1966); participante vs. não-participante (cf. Farkas, 1990). Estas distinções estabelecem um agrupamento natural (cf. Moravcsik 1978) entre a primeira e a segunda pessoa (argumentos locais, participantes) em oposição à terceira pessoa (argumento não-local, não-participante).

Segundo Benveniste (1966/1991), a forma dita como terceira pessoa é, propriamente, a não-pessoa, uma vez que esta comporta uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não se refere a uma pessoa específica. Para o autor, a terceira pessoa é excetuada da relação pela qual 'eu' e 'tu' se especificam.

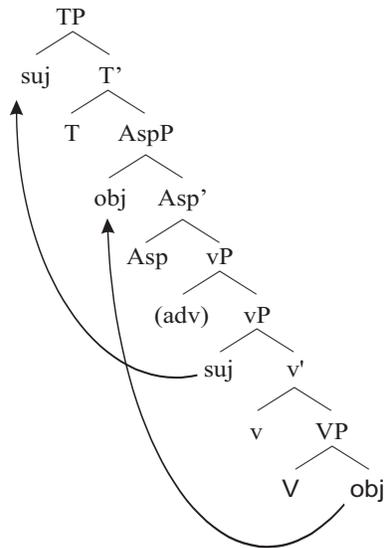
Assim sendo, o conceito de pressuposição proposto por Jelinek e Carnie (2003) pode ser relacionado às distinções propostas pelos autores supracitados, quer dizer, os argumentos de primeira e segunda pessoa são pressupostos em virtude de serem argumentos locais, participantes; ao passo que, argumentos de terceira pessoa são não-pressupostos, uma vez que estes são argumentos não-locais, não-participantes. Estes conceitos, que associam a primeira e a segunda em oposição a terceira pessoa, são fundamentais para compreendermos o comportamento sintático dos argumentos envolvidos em hierarquias de pessoa, como averiguamos em Avá.

Desse modo, a hipótese aqui levantada, seguindo a proposta de Jelinek e Carnie (2003), sugere que o deslocamento sintático sofrido pelo objeto de primeira ou segunda pessoa em Avá é motivado pelo fato destes argumentos serem mais pressupostos (i.e. locais, participantes) e, por isso, não podem permanecer internos ao escopo nuclear (VP), uma vez que não constituem uma variável permitida nesta posição. Conforme mostram Jelinek e Carnie (2003), somente NPs não-pressupostos (como os não-específicos ou indefinidos) ou vestígios de NPs pressupostos, que se moveram para fora de VP, podem figurar no escopo nuclear.

A partir dos testes com advérbios, argumentamos a favor da hipótese de que o objeto sofre deslocamento sintático para uma posição externa a vP, em virtude de assumirmos (cf. Pollock 1989) que alguns advérbios são adjungidos ao VP, assim, todos os elementos que precedem os advérbios estariam fora do VP e todos os elementos que seguem o advérbio estariam dentro do VP.

Propomos, então, que esta posição pré-verbal que aloca o objeto deslocado é o especificador de uma projeção funcional AspP⁵ (Jelinek; Carnie 2003; Sandalo 2008; 2011), conforme mostramos na estrutura sintática em 01. Esta projeção funcional é compreendida, nesta proposta, como responsável pela checagem de traços de pressuposição dos NPs que figuram na posição de argumento interno.

01. Estrutura transitiva: movimento dos argumentos



Como é possível verificarmos na estrutura em 01, o sujeito na posição de argumento externo se move para Spec-TP para checar Caso Nominativo, licenciado pelo núcleo T. O objeto, por sua vez, na posição de argumento interno, checa seu Caso Acusativo, licenciado por V, e se move para Spec-AspP para gerar uma variável permitida no escopo nuclear, i.e., o vestígio do NP que se moveu para fora de VP (cf. Jelinek; Carnie 2003).

O movimento de ambos os argumentos, para as posições Spec-TP e Spec-AspP, gera uma configuração na qual há duas posições, em um TP expandido, que desencadeiam concordância. O argumento posicionado no especificador mais próximo ao complexo v-VP será responsável pelo controle da concordância no núcleo do predicado verbal. Assim, quando o objeto de primeira ou segunda pessoa se desloca para a posição Spec-AspP, este controlará a concordância, i.e., ocorrerá implementação dos marcadores de pessoa da Série II. Por outro lado, se o objeto é de terceira pessoa, permanecendo *in situ*, a concordância será controlada pelo argumento que figura na posição de Spec-TP, desse modo, serão realizados os marcadores de pessoa da Série I.

⁵ Assumimos nesta proposta o rótulo AspP, proposto por Jelinek e Carnie (2003), para esta projeção funcional acima de vP para qual os NPs pressupostos se movem. Este rótulo, entretanto, a nosso ver, não implica que esta projeção seja aspectual em Avá. Compreendemos esta projeção como responsável pela checagem de traços de pressuposição.

Contudo, quando o objeto é de segunda pessoa e o sujeito é de primeira, ocorre uma situação em que ambos os argumentos desencadeiam concordância, o que é evidenciado pela implementação dos prefixos *portmanteau* da Série III e, em especial, pelo prefixo {po-} que concorda com o traço [+PL] do objeto. A hipótese que defenderemos é a de a primeira pessoa, em virtude de ser muito marcada, bane a ocorrência de outro argumento [PARTICIPANTE] em um mesmo domínio de concordância (TP expandido). Assim, embora o objeto esteja posicionado em um especificador mais próximo ao complexo v-VP (Spec-AspP), este não será responsável isoladamente pelo controle da concordância, mas esta ocorrerá em associação com o sujeito 1A, posicionado em Spec-TP. A noção fundamental aqui sugerida é a de que o argumento posicionado em um especificador mais próximo controla a concordância, exceto quando o argumento posicionado no especificador mais distante é de primeira pessoa. Quer dizer, a primeira pessoa, sendo muito marcada, não pode ser apagada, esta deve ser realizada por concordância no núcleo do predicado verbal, mesmo quando existe outro argumento posicionado em um especificador mais próximo ao complexo v-VP. Estas questões serão abordadas detidamente na seção 6 deste artigo.

Em suma, o deslocamento do sujeito e do objeto gera uma configuração na qual há duas posições, em um TP expandido, que desencadeiam concordância: uma no núcleo T e outra no núcleo Asp. Existe, contudo, uma única posição prefixal para a realização de concordância. Dessa maneira, levantamos a hipótese de que a estrutura gerada pela sintaxe, ao ser interpretada pelo componente morfológico, será submetida às operações pós-sintáticas de Abaixamento (*Lowering*, cf. Embick; Noyer 2001), Fusão (*Fusion*, cf. Halle; Marantz 1993) e Empobrecimento (*Impoverishment*, cf. Bonet 1991; Halle; Marantz 1993, 1994), por motivos de implementação. Estas questões serão discutidas detidamente na próxima seção.

5. ASPECTOS MORFOLÓGICOS

A Morfologia Distribuída (doravante MD), desenvolvimento recente da Gramática Gerativa, é uma proposta teórica que busca refletir (cf. Embick; Halle 2004) sobre a relação entre os processos de formação das palavras e os componentes da competência gramatical: a sintaxe, a semântica e a fonologia. Nesta abordagem sintática de morfologia, alguns aspectos da formação das palavras são atribuídos a operações sintáticas, como movimentos de núcleos que ocorrem na sintaxe propriamente, enquanto outros aspectos são relacionados a operações que acontecem no componente pós-sintático, i.e., na *Morfologia* (cf. Noyer 1992).

Tendo em vista este quadro teórico, é possível argumentarmos que a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe é interpretada e modificada pela Morfologia, na medida em que esta atribui material fonológico aos morfemas abstratos por meio da Inserção Vocabular e opera regras morfológicas específicas da língua Avá.

5.1. Operações pós-sintáticas

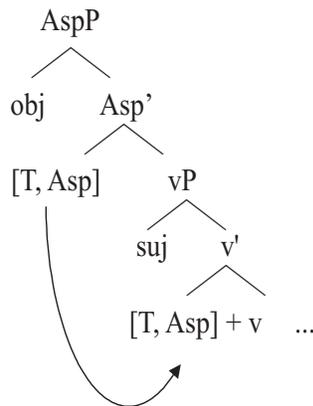
Segundo Embick e Halle (2004), as operações pós-sintáticas não abandonam a premissa central da teoria de que a estrutura sintática e a estrutura morfológica são, no

caso *default*, a mesma e estas regras aplicadas no componente morfológico são reajustamentos mínimos motivados por requerimentos particulares das línguas. Dessa forma, diferentemente da sintaxe que é um sistema gerativo, PF é um componente interpretativo, cujas regras são desencadeadas por requerimentos específicos, que devem ser aprendidos pelos falantes das línguas particulares.

Com relação ao componente sintático, argumentamos que o deslocamento sintático sofrido pelo objeto para a posição de Spec-AspP e o movimento do sujeito para Spec-TP geram uma configuração na qual existem duas posições, em um TP expandido, que desencadeiam concordância. Entretanto, existe na língua uma única posição prefixal, no núcleo do predicado verbal, para realização desta concordância, i.e., para implementação dos marcadores de pessoa das Séries I, II e III. Sendo assim, a hipótese que defendemos é a de que Morfologia executa operações pós-sintáticas com intuito de unir estes núcleos de concordância T e Asp, permitindo a realização da Inserção Vocabular.

A primeira operação aplicada pela Morfologia é um tipo de Concatenação (*Merger*, cf. Embick; Noyer 2001), que envolve adjunção de núcleo para núcleo e ocorre antes da Inserção Vocabular, denominada de Abaixamento⁶ (Embick; Noyer 2001). Nesta operação, o núcleo T sofre movimento morfológico descendente até o núcleo Asp da projeção funcional AspP, como mostra a estrutura em 02.

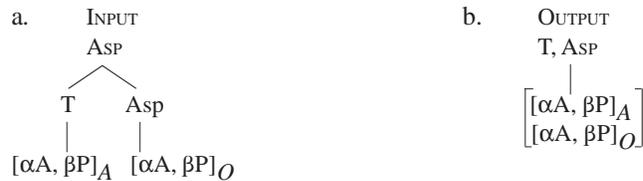
02. Abaixamento de T até Asp:



Como vemos em 02, o núcleo T desce da posição em que foi gerado em TP e se adjunge ao núcleo Asp na projeção AspP. Em seguida, estes núcleos, que se encontram adjacentes, serão submetidos a uma segunda operação: a Fusão (Halle; Marantz 1993). Esta operação fundirá estes dois nódulos terminais T e Asp, que são irmãos sob um único nódulo categorial, em um único nódulo terminal [T, Asp], como mostram as estruturas em 03.

⁶ A evidência para a proposta de Abaixamento se relaciona tanto ao caráter afixal dos marcadores de pessoa quanto ao posicionamento do verbo em relação ao advérbio. Conforme discutimos na seção 3 deste artigo, mostramos, a partir dos testes realizados, que o verbo segue o advérbio. Isto indica que o verbo não se move para fora do vP. Desse modo, propomos que a realização da concordância se dá no componente pós-sintático, por meio do Abaixamento dos núcleos T e Asp, e do mecanismo de Inserção Vocabular.

03. Fusão de T e Asp em Asp:



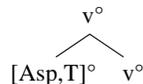
Nesta situação, representada pela estrutura em 03, não haverá a realização de Fusão entre os núcleos [T, Asp] e v, uma vez que existem duas posições prefixais independentes para realização de concordância: o núcleo fundido [T, Asp], no qual ocorre a Inserção dos marcadores de pessoa das Séries I, II e III; e o núcleo v, no qual são implementados os prefixos relacionais, como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 14.

- a. *a-h-echa* ‘eu vejo’ b. *che-r-echa* ‘me vê’ c. *ro-h-echa* ‘te vejo’

Como é possível verificarmos nos exemplos em 14, os núcleos [T, Asp] e v são irmãos sob o nóculo categorial v, i.e., permanecem adjacentes sem, entretanto, se unirem em um único nóculo, uma vez que dois Itens Vocabulares distintos são acionados inserindo dois expoentes fonológicos diferentes. Este núcleo complexo em v, como vemos na estrutura em 04, será o domínio local para a realização da Inserção Vocabular e das regras de Empobrecimento.

04. Núcleo v



Com relação ao núcleo V lexical, a hipótese que assumimos é a de que este sobe até o núcleo v (leve) ainda na sintaxe, formando o complexo [v° + V°]. Tendo em vista o posicionamento pré-verbal do advérbio, conforme averiguamos nos testes realizados, é possível argumentarmos que o verbo não se move para fora do vP.

5.2. Inserção Vocabular e os Itens Vocabulares em [T, Asp]

Um pressuposto importante para a MD é o de que, em uma derivação sintática, os núcleos funcionais não apresentam informação fonético-fonológica, assim, (cf. Embick; Halle 2004) uma das funções da Morfologia é fornecer traços fonológicos aos morfemas abstratos manipulados pela sintaxe. Este mecanismo de suprimento é denominado de Inserção Vocabular.

Conforme apresentamos, existe uma alomorfa entre os marcadores das Séries I e II condicionada pela pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto. Tendo em vista o quadro da MD, propomos que estes marcadores de pessoa são parte do inventário de expoentes fonológicos inseridos no nóculo fundido [T, Asp] de concordância em v e os morfemas abstratos presentes neste nóculo de concordância são compostos por complexos de traços de pessoa (cf. Halle 1997), como mostramos em 05.

05. Traços de pessoa (Halle 1997):

- a. [+AUTOR, +PARTICIPANTE] = {1}
- b. [-AUTOR, +PARTICIPANTE] = {2}
- c. [-AUTOR, -PARTICIPANTE] = {3}

Halle (1997) mostra que, dados os traços que compõem o paradigma em 05, seria esperada a existência de uma quarta pessoa [+AUTOR, -PARTICIPANTE]. O autor pontua que, de fato, esta pessoa pode ser encontrada em algumas línguas como o Walbiri (Halle 1973 *apud* Halle 1997), nas quais a quarta pessoa apresenta o referente ‘*eu e alguém mais, mas não você*’. Esta quarta pessoa se difere das outras pessoas por não apresentar a forma singular, uma vez que, segundo Halle (1997), esta composição [+AUTOR, -PARTICIPANTE] não poderia ser realizada por uma única pessoa. Também em Avá, esta quarta pessoa pode ser encontrada na primeira pessoa plural exclusiva {ore}, e será fundamental para discutirmos o estatuto dos prefixos *portmanteau*, na subseção 6.1.

A hipótese que levantamos aqui é a de que o argumento posicionado no especificador mais próximo ao complexo v-VP será responsável pelo controle da concordância. Desse modo, se o objeto é de primeira ou segunda pessoa, este sofrerá deslocamento sintático para uma posição externa a VP. Conforme assumimos, esta posição é o especificador de uma projeção AspP, em um domínio imediatamente acima do complexo v-VP. Neste contexto, então, o objeto será responsável pelo controle da concordância no núcleo do predicado verbal, já que este argumento está posicionado no especificador mais próximo ao complexo v-VP.

A proposta que aventamos é a de que o núcleo de concordância fundido [T, Asp] apresentará, nesta situação, depois de ocorridas as operações pós-sintáticas, um complexo de traços de pessoa [α A, β P], referente ao objeto. No momento em que o componente morfológico realiza a Inserção Vocabular, os expoentes fonológicos da Série II serão inseridos neste núcleo de concordância [T, Asp] em v, uma vez que estes expoentes da Série II são marcas de concordância com o objeto, ou seja, apresentam um conjunto de traços morfossintáticos relevantes para este contexto de Inserção. Apresentamos, a seguir, os Itens Vocabulares que inserem expoentes neste contexto.

06. Itens vocabulares em [T, ASP] referentes ao objeto:

- | | |
|------------------------------|---------------------------------|
| a. /che-/↔ [+A, +P]O | d. /ñane-/↔ [+PL] /__ [+A, +P]O |
| b. /ne-/↔ [-A, +P]O | e. /ore-/↔ [+PL] /__ [+A, -P]O |
| c. /i-/↔ [±PL] /__ [-A, -P]O | f. /pene-/↔ [+PL] /__ [-A, +P]O |

Por outro lado, se o objeto é não-pressuposto, i.e., 3O, este permanecerá *in situ*, interno ao VP. Desse modo, o sujeito posicionado em Spec-TP será responsável pelo controle da concordância no núcleo V. De maneira análoga à análise sugerida acima, neste contexto, propomos que o núcleo de concordância [T, Asp], resultante das operações pós-sintáticas, apresentará, no componente morfológico, um complexo de traços de pessoa [α A, β P], referente ao sujeito.

Nesta situação, a Morfologia realizará a Inserção Vocabular, no núcleo fundido [T, Asp], dos expoentes fonológicos da Série I, que são marcas de concordância com o sujeito. Os Itens Vocabulares que inserem expoentes neste contexto são apresentados em 07.

07. Itens vocabulares em [T, Asp] referentes ao sujeito:

- | | |
|------------------------------|-------------------------------|
| a. /a-/↔ [+A, +P]A | d. /ja-/↔ [+PL] /__ [+A, +P]A |
| b. /re-/↔ [-A, +P]A | e. /ro-/↔ [+PL] /__ [+A, -P]A |
| c. /o-/↔ [±PL] /__ [-A, -P]A | f. /pe-/↔ [-A, +P]A |

Em suma, a Morfologia modifica o *output* da sintaxe, por meio das operações de Abaixamento e de Fusão, e atribui conteúdo fonológico aos traços abstratos manipulados pelas operações ocorridas na sintaxe. Esta codificação realizada pela Morfologia explica a alomorfa existente entre as séries de concordância, uma vez que a Inserção de expoentes das Séries I e II está condicionada ao feixe de traços presente no nódulo fundido de concordância [T, Asp] em v.

5.3. Inserção Vocabular em v

Conforme apresentamos, em Avá, existem prefixos denominados relacionais {r- ~ Ø-} e {h- ~ i-} (Rodrigues 1984/85; Seki 1990, 2000), que figuram no núcleo do predicado assinalando uma relação de concordância que este estabelece com o seu complemento. Propomos, neste trabalho, que estes prefixos são expoentes fonológicos inseridos em v e o morfema abstrato presente neste nódulo é composto pelos traços [α PARTICIPANTE].

Tomando por base os traços binários de pessoa, propostos por Halle (1997), podemos assinalar que os argumentos internos que apresentam os traços [+A, +P] ou [-A, +P] desencadeiam o uso dos prefixos {r- ~ Ø-}. Por outro lado, argumentos internos compostos pelos traços [-A, -P], desencadeiam a implementação dos prefixos {h- ~ i-}. Apresentamos, a seguir, os Itens Vocabulares que inserem expoentes no núcleo v.

08. Itens Vocabulares em v:

- a. /r-/ ↔ [αA, +P]_O /_ {√V} b. /Ø-/ ↔ [αA, +P]_O /_ {√C}
- c. /h-/ ↔ [αA, -P]_O /_ {√V} d. /i-/ ↔ [αA, -P]_O /_ {√C}

Nos Itens Vocabulares em 08, é possível verificarmos que o traço [PARTICIPANTE] é determinante na seleção dos Itens a serem inseridos. Além disso, a realização de traços fonológicos aos traços abstratos de [αA, βP]_O, do núcleo de concordância em v, atenta para uma condição adicional de Inserção que é a identidade da Raiz. Ou seja, como os traços de pessoa estão no mesmo constituinte da Raiz quando a Inserção Vocabular ocorre, o segmento inicial dessa Raiz, se vogal ou consoante, imprime uma condição contextual à escolha do expoente para o nódulo de [αA, βP]_O.

6.1A, 2O EMAVÁ: ASPECTOS SINTÁTICOS E MORFOLÓGICOS

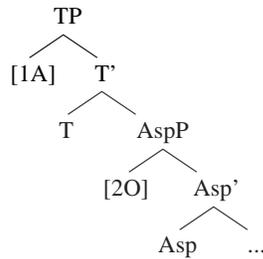
Na seção 3 deste artigo, mostramos que a construção 1A, 2O, em Avá, apresenta características particulares que a diferenciam das demais combinações de pessoa dos argumentos nucleares, nos verbos transitivos. Estas características são: (i) a ordem sintática (o objeto pode figurar tanto pré como pós-verbal); (ii) as marcas –vy e –me presentes no objeto singular e plural, respectivamente; (iii) a Série III de concordância, que é específica para este contexto de 1A e 2OSG/PL; e (iv) o prefixo relacional acionado é o {h-}, embora o objeto seja [+PARTICIPANTE].

Estas características sintáticas e morfológicas se assemelham a certos fenômenos sintáticos comumente encontrados em línguas ergativas, como antipassivas, antipassiva espúria, foco de objeto e foco de sujeito. Esta semelhança se deve, principalmente, a dois aspectos: (i) a influência da categoria de pessoa dos argumentos nucleares sobre estes fenômenos sintáticos; e (ii) o aparecimento de concordância espúria⁷ no núcleo do predicado verbal.

A hipótese que iremos aqui sugerir compreende estes aspectos como resultantes de uma interação entre a categoria de pessoa dos argumentos nucleares e os componentes sintático e morfológico. Desse modo, propomos que na construção 1A, 2O, em Avá, existe uma restrição de pessoa que bane a ocorrência do argumento interno 2O no mesmo domínio de concordância (TP expandido) do argumento externo 1A, como mostra a estrutura a seguir.

⁷ Em determinados fenômenos sintáticos, como antipassiva espúria, foco de sujeito e foco de objeto, é recorrente o aparecimento de concordância excêntrica no núcleo do predicado verbal como, por exemplo, concordância intransitiva em construções transitivas; e/ou concordância intransitiva controlada pelo sujeito ergativo. Sobre concordância espúria veja Hale e Storto (1997); Storto (1999); Hale (2002); Bobaljik e Branigan (2006).

09. Estrutura da construção 1A, 2O:



Esta restrição pode ser capturada da seguinte maneira:

10. Restrição:

*[1_A 2_O]TP

Tendo em vista a proposta de Bobaljik e Branigan (2006)⁸, sugerimos que a estrutura em 09, gerada pela sintaxe, ao ser mapeada para o componente morfológico será submetida às regras de Empobrecimento (Bonet 1991; Halle; Marantz 1993, 1994), que irão apagar parte dos traços- ϕ do argumento do objeto. Desse modo, propomos que, em Avá, o objeto 2O checa seu caso acusativo, licenciado pelo núcleo V, e se move para Spec-AspP para checar traços de pressuposição. Nesta posição, este argumento desencadeia

⁸ Bobaljik e Branigan (2006) mostram que em Chukchi (Chukotko-Kamchatkan), língua ergativa falada no norte da Rússia, existem dois tipos de voz antipassiva: uma canônica e outra espúria. Na antipassiva (canônica), o objeto direto é expresso como oblíquo. Isto significa que esta construção é formalmente intransitiva, tanto em marcação de caso quanto nas propriedades de concordância. Entretanto, existem determinadas combinações de pessoa-número, nas quais o objeto é mais alto que o sujeito na hierarquia, que não são expressas da maneira esperada. Nestas combinações (*3_{SG} > 1_{SG}; *2 > 1), a morfologia antipassiva é usada no verbo, embora a sentença permaneça transitiva, i.e., o sistema de marcação de caso ergativo-absolutivo é mantido. Esta construção é rotulada por Hale (2002 *apud* Bobaljik; Branigan, 2006) como antipassiva espúria (doravante SPA), em virtude da morfologia antipassiva, ainda que obrigatória, não apresentar efeitos na sintaxe ou na semântica destas construções.

A análise de Bobaljik e Branigan (2006) para as construções de SPA, em Chukchi, parte da premissa de que o núcleo v nesta língua não é capaz de checar/licenciar caso absoluto ao argumento interno. Assim, sujeito e objeto se movem para o domínio de T para checarem seus traços de caso. Os autores argumentam, dessa maneira, que um único núcleo pode checar caso estrutural de dois argumentos, se for necessário por convergência. Na sentença antipassiva, que é uma intransitiva derivada, existe somente uma instância de checagem de caso em T, desse modo, o objeto não deixa o domínio de v-VP. Na SPA, entretanto, que é uma transitiva normal, o objeto se move para T para receber caso. Como os autores pontuaram, a SAP é obrigatória em determinadas construções inversas, nas quais o objeto é mais alto que o sujeito na hierarquia de pessoa-número. Assim, quando estes dois argumentos estão em uma relação de checagem com o mesmo núcleo funcional, ocorrerá, no mapeamento para o componente morfológico, o apagamento de traços de um dos argumentos, especificamente, do argumento mais baixo, i.e., do objeto.

Este apagamento dos traços do objeto em T, na Morfologia, prevê a ativação dos traços do objeto na cópia que figura em uma posição mais baixa na cadeia. Isto possibilita que o vP seja interpretado como antipassivo, quer dizer, com o objeto interno ao complexo v-VP. Assim sendo, a morfologia antipassiva espúria é implementada neste contexto transitivo.

concordância. Entretanto, em virtude da presença do sujeito 1A na posição de Spec-TP e da restrição $*[1_A 2_O]_{TP}$, o objeto terá seus traços de pessoa apagados no nóculo de concordância, no mapeamento para o componente morfológico, por meio de uma regra de empobrecimento específica da língua Avá.

Dessa maneira, o objeto não será responsável isoladamente pelo controle da concordância, embora esteja posicionado em Spec-AspP, i.e., o especificador mais próximo ao complexo v-VP. A concordância, nesta situação, se dará em associação com o argumento externo, posicionado em Spec-TP. Quer dizer, ambos os argumentos serão responsáveis, conjuntamente, pelo controle da concordância.

A evidência para esta proposta se relaciona à realização dos prefixos *portmanteau*, da Série III, que são marcas de concordância simultânea com sujeito e objeto. Estes prefixos são utilizados especificamente neste contexto em que 1A, 2O, conforme discutiremos detidamente na próxima seção.

A noção fundamental aqui defendida é a de que a primeira pessoa é marcada em Avá. Isto gera, neste contexto, duas principais consequências: (i) o sujeito de primeira pessoa bane a ocorrência de outro argumento [PARTICIPANTE] em um mesmo domínio de concordância; e (ii) a primeira pessoa não pode ser apagada, i.e., esta deve ser realizada por concordância, no núcleo do predicado verbal, mesmo quando existe outro argumento posicionado em um especificador mais próximo ao complexo v-VP.

Aqui, cabe-nos apontar brevemente a discussão proposta por Noyer (1992) com relação aos filtros morfossintáticos e à hipótese da hierarquia de traços.

11. A HIPÓTESE DA HIERARQUIA DE TRAÇOS (Noyer 1992:94):

Existe uma hierarquia universal de traços morfossintáticos. Se F e G são traços morfossintáticos e F é mais alto que G na hierarquia, então:

- a. Se $*[\alpha F, \beta G]$ está ativo na Morfologia, então $[\alpha F, \beta G]$ será empobrecido para $[\alpha F]$.
- b. Se existem duas regras de *spell-out*, uma se refere a F e a outra a G, que separam ou sobrepõem descrições estruturais (SDs), a regra que se relaciona a F deverá ser aplicada primeiro.

A partir destas noções, é possível propormos um filtro morfossintático que implementa, no componente morfológico, a restrição de pessoa $*[1_A 2_O]_{TP}$. Este filtro atua no sentido de empobrecer, ou seja, de apagar o traço [PARTICIPANTE] do feixe de traços referente ao objeto. Apresentamos, em 12, o filtro morfossintático proposto; e em 13, representamos, em uma geometria de traços (cf. Noyer, 1992), o traço que será apagado pela regra de Empobrecimento aplicada em PF.

12. Filtro Morfossintático:

$*[\alpha A, \beta P]_o$

13. Regra de empobrecimento:

AGR
|
A
≠
P

Seguindo a proposta de Noyer (1992), argumentamos que o filtro $*[\alpha A, \beta P]_O$ está ativo na Morfologia e $A > P$, então, o feixe de traços $[\alpha A, \beta P]_O$ será empobrecido para $[\alpha A]_O$, como mostra a geometria em 13. Existem duas outras evidências do apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto: a Inserção do prefixo {ro-}, que é o mesmo expoente fonológico usado para codificar o sujeito de primeira pessoa plural exclusiva; e o prefixo relacional {h-}, acionado neste contexto. Estas evidências serão discutidas, em detalhe, na próxima subseção.

6.1. A Inserção Vocabular no núcleo [T, Asp] empobrecido

Na seção anterior, discutimos que na construção 1A, 2O, em Avá, existe uma restrição de pessoa $*[1_A 2_O]_{TP}$, que bane a ocorrência de um argumento interno 2O no mesmo domínio de concordância do argumento externo 1A. Desse modo, propusemos que, no mapeamento para o componente morfológico, haverá o apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto, por meio do filtro morfossintático $*[\alpha A, \beta P]_O$.

Conforme apresentamos, os marcadores da Série III codificam, simultaneamente, no núcleo do predicado verbal, sujeito de primeira pessoa e o objeto de segunda pessoa singular ou plural. Dessa maneira, estes marcadores apresentam uma alomorfia condicionada pelo traço [PLURAL] do objeto. Estes prefixos {ro-} e {po-} são compreendidos, nesta proposta, como expoentes fonológicos inseridos no nódulo de concordância empobrecido [T, Asp], pelos seguintes Itens Vocabulares.

14. ITENS VOCABULARES QUE INSEREM UM EXPOENTE FONOLÓGICO NO NÓDULO EMPOBRECIDO [T, ASP]:

$$\begin{array}{ll} \text{a.} & /ro-/ \leftrightarrow \begin{bmatrix} [+A, +P]_A \\ [-A]_O \end{bmatrix} & \text{b.} & /po-/ \leftrightarrow \begin{bmatrix} [+A, +P]_A \\ [-A, PL]_O \end{bmatrix} \end{array}$$

Este mecanismo de Inserção Vocabular é, particularmente, interessante em diversos aspectos. Primeiramente, uma característica notável se relaciona ao fato do núcleo [T, Asp] apresentar, nesta situação, feixes de traços de ambos os argumentos. Isto permite caracterizar os expoentes {ro-} e {po-} como prefixos *portmanteau* de pessoa, e no caso de {po-}, *portmanteau* de pessoa-número.

O segundo aspecto interessante se relaciona ao Empobrecimento do núcleo [T, Asp], em virtude do apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto. Como argumentamos, este núcleo fundido é submetido ao filtro morfossintático $*[\alpha A, \beta P]_O$, no componente morfológico, para satisfazer a restrição $*[1_A 2_O]_{TP}$, que bane a ocorrência de um argumento [PARTICIPANTE] no mesmo domínio de concordância do sujeito 1A.

O terceiro aspecto relevante é, conforme mencionamos, a alomorfia existente entre os expoentes {ro-} e {po-}, condicionada pelo traço [PL] do objeto. Aqui, gostaríamos de destacar um fato bastante importante acerca do expoente {ro-}, que irá corroborar a hipótese de que, ocorre na Morfologia, apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto: o expoente {ro-}, usado neste contexto como *portmanteau*, é o mesmo expoente da Série I, que codifica o sujeito de primeira pessoa plural exclusiva, como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 15.

- a. *che* *ro-i-nupã*
 1s 1s/2s-REL-bater
 ‘Eu te bati’
- b. *ore* *ro-h-echa* *jagua*
 1EXCL 1EXCL- REL-ver cachorro
 ‘Nós (excl.) vemos o cachorro’

Como havíamos apontado, Halle (1997) sugere que algumas línguas apresentam uma quarta pessoa, composta pelo feixe de traços [+AUTOR, - PARTICIPANTE]. Segundo o autor, esta quarta pessoa apresenta, nestas línguas, o referente ‘*eu e alguém mais, mas não você*’. Desse modo, a quarta pessoa pode ser localizada na primeira pessoa plural exclusiva, i.e., {1,3}. Estas noções são fundamentais para compreendermos a Inserção Vocabular do expoente {ro-} neste contexto como *portmanteau*.

A proposta que aventamos é a de que, neste contexto de Inserção, o componente morfológico interpreta o complexo de traços presente no nódulo empobrecido [T, Asp], como sendo esta quarta pessoa descrita por Halle (1997), pelos seguintes motivos: (i) o complexo de traços em [T, Asp] é composto por feixes de traços de dois argumentos; isto satisfaz a premissa (cf. Halle 1997) de que a composição [+AUTOR, - PARTICIPANTE] não poderia ser realizada por uma única pessoa; (ii) o traço [PARTICIPANTE] do objeto foi apagado, por meio do filtro morfossintático * $[\alpha A, \beta P]_o$; desse modo, a ausência do traço [PARTICIPANTE] significa a exclusão da segunda pessoa, ou seja, o complexo de traços presentes em [T, Asp] é interpretado como {1,3}.

Em virtude destes dois motivos, a Morfologia promove a Inserção Vocabular do expoente fonológico {ro-} neste contexto, uma vez que interpreta os traços presentes em [T, Asp] como sendo aqueles que compõem a quarta pessoa, i.e., a primeira pessoa exclusiva plural, [+AUTOR, - PARTICIPANTE].

Rodrigues (1990) mostra que, em Tupinambá, a forma verbal para primeira pessoa plural inclusiva {ya-} é usada também no contexto de terceira pessoa, como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 16.

- a. *pirá* *ya-y-pisik*
 fish 1.IN- REL-catch
 ‘We (incl.) caught fish’ (Rodrigues, 1990:393)
- b. *moyá* *kuyá* *ya-y-suñá*
 cobra mulher 1.IN?- REL-bit
 ‘A snake bit the woman’ (Rodrigues, 1990:393)

Contudo, a forma verbal, interpretada pelos missionários como terceira pessoa {o-}, também é usada nos contextos que incluem o falante (*speaker*), como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 17.

- | | | | | |
|----|--|---------------------|----------------------------------|-----------------------|
| a. | <i>kunumĩ</i>
boy
'The boy caught fish' | <i>pirá</i>
fish | <i>o-y- pisik</i>
3-REL-catch | (Rodrigues, 1990:393) |
| b. | <i>asé</i>
we.all
'We (all) caught fish' | <i>pirá</i>
fish | <i>o-y-pisik</i>
3-REL-catch | (Rodrigues, 1990:393) |

Rodrigues (1990) sugere que o sistema de referência pessoal do Tupinambá é caracterizado por um conjunto de traços que inclui o contraste entre o falante e o ouvinte em um parâmetro, e a focalização da terceira pessoa em outro parâmetro. Para o autor, o processo de focalizar uma pessoa em um discurso implica em selecionar esta pessoa de um dado conjunto pragmático; este conjunto pode incluir outros elementos que são deixados, entretanto, fora do foco.

O contraste entre o falante (*speaker*) e o ouvinte (*hearer*), por exemplo, pode ser salientado ou neutralizado por meio de foco. O contraste é salientado quando o falante ou o ouvinte são focalizados, de maneira mutuamente excludente; como evidenciam as seguintes combinações⁹ de elementos pessoais: {1}, {1, 3}, {2}, {2, 3}. Por outro lado, o contraste é neutralizado quando tanto falante quanto ouvinte são focalizados, conjuntamente, como nas combinações {1, 2} e {1, 2, 3}; ou quando ambos são deixados fora do foco, como na combinação {3}.

Com relação às construções apresentadas em 16.b. e 17.a., que envolvem dois argumentos de terceira pessoa, Rodrigues (1990) propõe que a distribuição dos marcadores *ya-/o-*, nos verbos transitivos, se relaciona a foco: se o sujeito, i.e., o agente, está em foco, este é marcado no verbo por {o-}; se, entretanto, o objeto, i.e., o paciente, está em foco, o sujeito é marcado por {ya-}.

Desse modo, o autor conclui que, em Tupinambá, o marcador {o-} significa que a terceira pessoa está em foco, e que não existe nenhum contraste entre o falante e o ouvinte, quer dizer, este marcador significa {(you, I and he)^{+f}}, bem como {he^{+f}}. De maneira análoga, o marcador {ya-} denota que a terceira pessoa está fora do foco, e que não existe nenhum contraste entre o falante e o ouvinte, ou seja, este marcador significa {(you and I)^{+f} and he^{-f}}.

Esta análise proposta por Rodrigues (1990) para o Tupinambá é particularmente interessante porque aponta para a possibilidade de uma língua Tupi-Guarani apresentar foco de sujeito; e evidencia a ocorrência do marcador de primeira pessoa plural inclusiva {1,2}, atuando como [-FOCO], em construções que envolvem duas terceiras pessoas.

⁹ Rodrigues (1990:395) aponta que existem sete combinações básicas de elementos pessoais:

- | | |
|---|---|
| {1} – Somente o falante está em foco. | {1, 2} – Somente o falante e o ouvinte estão em foco. |
| {2} – Somente o ouvinte está em foco. | {1, 3} – Somente o falante e a 3º pessoa estão em foco. |
| {3} – Somente a 3º pessoa está em foco. | {2, 3} – Somente o ouvinte e a 3º pessoa estão em foco. |
| | {1, 2, 3} – O falante, o ouvinte e a 3º pessoa estão em foco. |

Estas discussões apontadas por Rodrigues (1990) colaboram para a compreensão dos aspectos morfológicos presentes na construção 1A, 2O, em Avá. Conforme argumentamos, o prefixo {ro-} atua tanto como primeira pessoa plural exclusiva, quanto como *portmanteau*, no contexto em que o sujeito é de primeira pessoa e o objeto é de segunda pessoa. Seguindo as noções propostas por Rodrigues (1990), é possível aventarmos que, nas duas ocorrências do prefixo {-ro}, este focaliza a primeira pessoa, na medida em que estabelece um contraste entre {1} e {2}. Quer dizer, a combinação {1,3}, que compõem este marcador, exclui a segunda pessoa do foco.

Nesse sentido, é possível retomarmos o paralelo que propomos entre a construção 1A, 2O, em Avá, e os fenômenos sintáticos de antipassiva espúria, foco de objeto, etc., comumente encontrados em línguas ergativas. Conforme argumentamos, existem duas características comuns a estas construções: (i) a influência da categoria de pessoa dos argumentos nucleares sobre estes fenômenos sintáticos; e (ii) o aparecimento de concordância espúria no núcleo do predicado verbal.

Esta segunda característica pode ser relacionada ao estatuto do prefixo {ro-} discutido nesta seção. Quer dizer, o expoente {ro-}, usado como *portmanteau*, pode ser considerado um caso de concordância espúria, uma vez que este é o mesmo expoente usado como sujeito de primeira pessoa plural exclusiva. Assim, {ro-} é uma marca de concordância com sujeito, porém, um sujeito espúrio, no sentido em que este é composto por feixes de traços de dois argumentos {1,3}, excluindo o argumento [PARTICIPANTE] de sua combinação. E, ainda, esta concordância pode ser considerada espúria uma vez que esta é, essencialmente, um reflexo morfológico, ocasionado pelas operações realizadas na Morfologia, por motivos de Inserção Vocabular.

Em suma, propomos que o marcador {-ro} é o expoente fonológico que corresponde à quarta pessoa [+AUTOR, - PARTICIPANTE] (cf. Halle 1997). Este expoente é inserido em dois contextos: (i) quando o nóculo [T, Asp] apresenta o feixe de traços [+A, -P]_A, referente ao sujeito de primeira pessoa plural exclusiva; (ii) quando o nóculo [T, Asp], composto por feixes de traços de ambos os argumentos, sofre o apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto. Neste contexto, o prefixo {ro-} pode ser compreendido como concordância espúria de primeira pessoa, uma vez que este emerge como um reflexo morfológico, resultado das operações realizadas pelo componente morfológico.

Com relação ao marcador {po-}, propomos que este é um *portmanteau* de pessoa-número, uma vez que o traço [PL] do objeto é determinante para a Inserção deste expoente fonológico no nóculo [T, Asp] empobrecido. Conforme mencionamos, este nóculo [T, Asp] é composto pelo complexo de traços [[+A, +P]_A, [-A, PL]_O]_{T,ASP}. Desse modo, este marcador codifica, essencialmente, o traço de pessoa do sujeito e o traço de número do objeto.

Finalmente, é importante assinalarmos que a relação entre os expoentes *portmanteau* e os prefixos relacionais, que são os expoentes fonológicos inseridos no nóculo de concordância em v, trazem evidências adicionais para a proposta de que o traço [PARTICIPANTE] do objeto foi apagado no componente morfológico. Conforme argumentamos, os prefixos {h- ~ i-} são marcas de concordância com o argumento interno [α A, -P], ao passo que os prefixos {r- ~ Ø-} são marcas de concordância com o argumento interno [α A, +P]. Nas situações em que os expoentes {ro-} e {po-} são inseridos, os prefixos relacionais acionados são o {h- ~ i-} e não o {r- ~ Ø-}, como seria esperado, uma vez que o argumento interno é [-A, +P].

Contudo, em virtude do filtro morfossintático $*[\alpha A, \beta P]$, o traço $[\beta P]$ do objeto é apagado por meio de uma regra de Empobrecimento de PF. Desse modo, no momento em que a Inserção Vocabular ocorre e a Morfologia interpreta a ausência do traço $[PARTICIPANTE]$ do objeto, os expoentes selecionados são o $\{h- \sim i-\}$, que apresentam valores negativos para o traço $[P]$.

Esta Inserção dos expoentes fonológicos $\{h- \sim i-\}$, que decorre da aplicação das regras de Empobrecimento, pode ser relacionada à situação caracterizada por Halle e Marantz (1994) como “*retreat to the general case*” (*Ibidem* 1994:278), na qual um Item mais especificado perde para um Item menos especificado. Quer dizer, dado o apagamento do traço $[PARTICIPANTE]$ do objeto, os Itens Vocabulares que inserem os expoentes $\{r- \sim \emptyset\}$ que são mais especificados, i.e., apresentam valores positivos de $[A]$ e $[P]$, perdem para os Itens que inserem os expoentes $\{h- \sim i-\}$, que são menos especificados. Desse modo, como apontam Embick e Halle (2004), estas regras de Empobrecimento são uma maneira de se estabelecer certos sincretismos, por meio da eliminação de traços dos nódulos muito especificados, alimentando, assim, a aplicação de Itens Vocabulares menos especificados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu aspectos morfológicos e sintáticos relacionados à hierarquia de pessoa presente na língua Avá. Atestamos que em Avá, a hierarquia de pessoa $1 > 2 > 3$ gera reflexos no sistema de concordância da língua. Isto significa que a seleção do argumento que será marcado nos verbos transitivos está condicionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto.

Além disso, evidenciamos que hierarquia de pessoa nesta língua afeta também a ordem dos constituintes: objetos de primeira e segunda pessoa devem preceder o verbo, gerando a ordem OV, ao passo que, objetos de terceira pessoa permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO. A partir destes dados e dos trabalhos de Jelinek e Carnie (2003) e de Sandalo (2008, 2011) argumentamos que o deslocamento do objeto em Avá pode ser compreendido como um reflexo sintático ocasionado pela hierarquia de pessoa. Sugerimos, assim, que a noção de inversão morfossintática, proposta por Payne (1994b), pode ser reinterpretada em termos de movimento sintático.

Propusemos, então, que existe uma projeção funcional AspP (cf. Jelinek; Carnie, 2003), acima de vP, que aloca argumentos internos de primeira e segunda pessoa. Este movimento do objeto gera uma configuração em que há dois especificadores que engatilham concordância. No entanto, existe somente um único nódulo para implementação da concordância. Desse modo, argumentamos que ocorre no componente pós-sintático uma operação de fusão que une os nódulos T e AspP em um único nódulo $[T, AspP]$. Este nódulo fundido será o domínio no qual ocorrerá a Inserção Vocabular.

A respeito da construção 1A, 2O, em Avá, discutimos que esta exhibe uma restrição de pessoa que bane a ocorrência do argumento interno $[+2]$ no mesmo domínio de concordância (TP explodido) do argumento externo $[+1]$. Argumentamos, assim, que esta estrutura, gerada pela sintaxe, ao ser mapeada para o componente morfológico é submetida às regras de Empobrecimento (Bonet 1991; Halle; Marantz 1993, 1994), que irão apagar parte dos traços- \emptyset do argumento mais baixo, i.e., do objeto. Este Empobrecimento do nódulo $[T, Asp]$ é realizado por meio do filtro morfossintático $*[\alpha A, \beta P]$, que apaga o traço $[participante]$ do objeto.

Tendo em vista o apagamento do traço [participante] do objeto, o componente morfológico implementa a Inserção Vocabular do expoente fonológico {ro-} neste contexto, que é o mesmo expoente usado para codificar o sujeito de primeira pessoa plural exclusiva. Esta Inserção permite que o expoente {ro-}, usado como *portmanteau*, seja compreendido como um caso de concordância espúria, uma vez que este emerge como um reflexo morfológico, ocasionado pelas operações realizadas na Morfologia, por motivos de Inserção Vocabular.

Este trabalho buscou, desse modo, a partir de conceitos e testes da Gramática Gerativa, evidenciar novos fatos que contribuem para um novo entendimento do fenômeno da hierarquia de pessoa na língua Avá. Estes fatos poderão, ainda, apontar possibilidades de análise e caminhos de investigação para outras línguas que apresentam hierarquias argumentais, especialmente aquelas da família Tupi-Guarani. A nossa intenção era, tendo em vista o quadro teórico da MD, discutir que a hierarquia de pessoa pode ser compreendida como um fenômeno de interface entre a Sintaxe e a Morfologia, uma vez que esta se relaciona tanto às manipulações de traços e aos movimentos ocorridos na Sintaxe, quanto aos mecanismos de implementação e às regras aplicadas em PF específicas de cada língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, Émile (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard.
 _____.(1991). *Problemas de Lingüística Geral I*. 3 ed. São Paulo, SP: Pontes.
- BOBALJK, Jonathan. D.; BRANIGAN, Phil (2006). Eccentric Agreement and Multiple Case Checking. In Alana Johns, Diane Massam; Juvenal Ndayiragije (eds.). *Ergativity: Emerging Issues*, pp. 47-78. Dordrecht, The Netherlands: Springer.
- BONET, Eulália (1991). *Morphology after syntax: Pronominal clitics in Romance*. Tese de doutorado. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology.
- CARDOSO, Valéria Faria (2003). *Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- DIESING, Molly (1992). *Indefinites*. Cambridge: MIT Press.
- DIXON, R. M.W (1979). Ergativity. *Language* 55 (1):59-138.
 _____.(1994). *Ergativity*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- DUARTE, Fábio Bonfim (2005). Propriedades denotacionais dos prefixos {i- ~ -h} em Tenetehára. *Revista de Estudos Lingüísticos/GEL XXXIV*:1194-1199.
- EMBICK, David; HALLE, Morris (2004). *Word Formation: Word formation: aspects of the Latin conjugation in Distributed Morphology*. (Ms.)
- EMBICK, David.; NOYER, Rolf (2001). Movement after syntax. *Linguistic Inquiry* 32: 555-595.
- FARKAS, Donka F. (1990). Two cases of underspecification in Morphology. *Linguistic Inquiry* 21: 539-550.
- GARCIA, Mário (2009). *Aspectos Gramaticais da Língua ka'apor*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

- GUASCH, Antonio; MELIÀ, Bartomeu (2005). *Diccionario básico: Guaraní-Castellano; Castellano-Guaraní*. Asunción, Paraguay: Centros de Estudios Paraguayos Antonio Guasch.
- HALE, Ken (2002). Eccentric Agreement. In Beatriz Fernández; Pablo Albizu (eds.) *Kasu eta Komunztaduraren gainean [On Case and Agreement]*, pp. 15-48. Vitoria-Gasteiz: Euskal Herriko Unibetsitatea.
- HALE, Ken.; STORTO; Luciana (1997). Agreement and spurious antipassive. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 20: 61-89 – *Homenagem a Aryon Dall'igna Rodrigues*.
- HALLE, Morris (1997). Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. *MIT Working Papers in Linguistics* 30: 425-439.
- HALLE, Morris.; MARANTZ, Alec (1993). Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. *The View from Building 20*, pp. 111-176. Cambridge, MA: MIT Press.
- _____.(1994). Some key features of distributed morphology. *MIT Working Papers in Linguistics* 21: 275-288. Cambridge, MA: MIT Press.
- HOCKETT, Charles F. (1966). What Algonquian is really like. *International Journal of American Linguistics* 32(1):59-73.
- INGRAM, David (1978). Typology of universals of personal pronouns. In Joseph Greenberg (ed.). *Universals of human language*, v. 3, pp. 214-247. Stanford: Stanford University Press.
- JELINEK, Eloise; CARNIE, Andrew (2003). Argument Hierarchies and the Mapping Principle. In Andrew Carnie, Heidi Harley; Maryann Willie (eds.). *Formal Approaches to Function in Grammar. In honor of Eloise Jelinek*, pp. 265-296. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company.
- JENSEN, Cheryl (1990). Cross-referencing changes in some Tupí-Guaraní languages. In Doris L. Payne (org.) *Amazonian Linguistics, Studies in Lowland South American Languages*, pp. 117-158. Austin: University of Texas Press.
- MARTINS, Marci Fileti (2003). *Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- MORAVCSIK, E. A. (1978). Agreement. In Joseph Greenberg (ed.). *Universals of human language*, v. 4: Syntax, pp. 331-374. Stanford: Stanford University Press.
- NEVINS, Andrew (2007). The Representation of Third Person and its Consequences for Person-Case Effects. *Natural Language and Linguistic Theory* 25: 273-313.
- NEVINS, Andrew; SANDALO, Filomena (2007). *Disappearance of the marked: first person in Kadiwéu*. Harvard University. (ms).
- _____.(2011). Markedness and morphotactics in Kadiwéu [+participant] agreement. *Morphology* 21: 351-378.
- NOYER, Rolf (1992). *Features, positions and affixes in autonomous Morphological Structure*. Ph.D Dissertation. Cambridge, MA.: Massachusetts Institute of Technology.
- PAYNE, Doris (1994). The Tupí-Guaraní inverse. In Paul Hopper and Barbara Fox (eds.). *Voice: Form and Function*, pp. 313- 340. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- POLLOCK, John (1989). Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20:365-424.

- RODRIGUES, Aryon D. (1953). Morfologia do verbo Tupi. *Letras* 1: 121-152.
- _____.(1984/85). Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia* 27/28:33-53.
- _____.(1986). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola.
- _____.(1990). You and I = neither you nor I: the personal system of Tupinambá. In Doris L. Payne (ed.) *Amazonian Linguistics studies in lowland South American languages*, pp. 393-405. Austin: University of Texas Press.
- SANDALO, Filomena (2011). Person Hierarchy and inverse voice in Kadiwéu. *LIAMES* 9: 27-40.
- SEKI, Lucy (1990). Kamaiurá (Tupi Guarani) as an Active-Stativ Language. In Doris L. Payne (ed.). *Amazonian Linguistics studies in lowland South American languages*, pp.367-391. Austin: University of Texas Press.
- _____.(2000). *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- SHAIN, Cory A. (2009). *The distribution of differential object marking in Paraguayan Guarani*. Dissertação de Mestrado. Columbus: The Ohio State University.
- SILVERSTEIN, Michael (1985). Hierarchy of features and ergativity. In Pieter Muysken; Henk van Riemsdijk (eds.). *Features and projections*, pp. 163-233. Dordrecht: Foris.
- STORTO, Luciana (1999). *Aspects of Karitiana grammar*. Tese de Doutorado. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology.
- VELÁZQUEZ-CASTILLO, Maura (1996). *The Grammar of Possession - Inalienability, Incorporation and Possessor Ascension in Guarani*. Amsterdam: John Benjamins.
- _____.(2008). Voice and Transitivity in Guarani. In Mark Donohue; Søren Wichmann. *The typology of semantic alignment*, pp.380-395. Oxford University Press.
- ZWICKY, Arnold (1977). Hierarchies of person. *Chicago Linguistics Society* 13: 714-733.

ABREVIATURAS

1S	Primeira pessoa singular
1INCL	Primeira pessoa plural inclusiva
1EXCL	Primeira pessoa plural exclusiva
2S	Segunda pessoa singular
2PL	Segunda pessoa plural
3	Terceira pessoa
A	Sujeito transitivo
[A]	Traço Autor
AspP	<i>Aspect phrase</i>
C	Consoante
ACUS	Acusativo
ADV	Advérbio
DAT	Dativo
DET	Determinante
DP	<i>Determiner phrase</i>
F	Feminino
GP	Guarani Paraguaio
LF	<i>Logical Form</i>

M	Masculino
MD	Morfologia Distribuída
NOM	Nominativo
NP	<i>Noun phrase</i>
O	Objeto
[P]	Traço Participante
PASS	Passado
PAS	Passiva
PF	<i>Phonetic form</i>
POSP	Posposição
PL	Plural
REFL	Reflexivo
REL	Relacional
S	Sujeito intransitivo
SG	Singular
SPA	Antipassiva espúria
T	<i>Tense</i>
TP	<i>Tense phrase</i>
v	Núcleo funcional v
V	Vogal
VP	<i>Verb phrase</i>

Recebido 20/5/2011

Versão revista 27/6/2011

Aceito 30/7/2011.